

Gervásio Toróif

VIDA NOSSA



1ª Edição

Resgatar o passado, partes boas e ruins, como um todo, para dele extrair ensinamentos e valorizar a vida, é um esforço que merece ser bem compreendido.

Esta obra foi revisada pelo próprio autor que não é nenhum especialista na língua portuguesa. Dentro de seus modestos conhecimentos tratou ele de proceder a uma verdadeira garimpagem em busca de erros ortográficos e concordâncias distoantes, eventualmente cometidos. Isso, no entanto, não assegura aos leitores a inexistência de alguma incorreção.

O autor alerta também para os significados de algumas palavras que poderão não coincidir exatamente com os mesmos empregados atualmente. O cuidado em fazer tal alerta é que como surgem a cada dia palavras novas a tendência é que algumas mais antigas sofram variação no seu entendimento.

Prefácio

*T*rata o presente livro da história de uma família cujos acontecimentos marcaram profundamente suas vidas. Tamanhos sentimentos tem causado que a cada encontro que se evidencia, quer de maneira formal ou informal, verifica-se uma verdadeira volta ao passado, sem que ninguém saiba dizer por quem e por onde começou. Vive-se aí o constrangimento da transformação de um momento de confraternização em um quadro verdadeiramente oposto. Quem sabe, com a publicação desta obra tal pesadelo venha a ter fim.

Pelo que tem ocorrido configura-se que tal história merecesse de fato a elaboração de um documentário escrito, o que estou fazendo agora. Por outro lado, tem sido inúmeras as vezes que esse ou aquele membro familiar tem demonstrado interesse na transformação dessa história em um livro. Portanto, a disposição em escrevê-lo, atende aos anseios de praticamente todos, embora, reconheçamos, com um substancial atraso publicitário.

Imaginem só, caros leitores, descrever, por um único integrante, praticamente todos os episódios vividos tão remotamente. Lógico, que

muitas partes ficarão de fora; outras relatadas sob a ótica e visão única do editor e, por isso mesmo, provavelmente sem os requintes realmente vividos em alguns momentos, os quais dariam um glamour todo especial aos fatos. Quem sabe, o(s) insatisfeito(s) se anime(m) no posterior enriquecimento desta obra a fim de completá-la ou melhor ilustrá-la.

Quanto ao seu título, tenho em mente que muito provavelmente haja algo semelhante, em livro ou novela, mas à voz da criatividade não coube escolher outro; não por imitação, mas pelo que a história a que me refiro irá espelhar.

O Autor.

SUMÁRIO

A calça curta, de uniforme dominical	19
A tala	14
Aprendendo a dividir	34
Atacando os agressores	21
Briga ao lado da Igreja	22
Casa da pedra	49
Colaboração para compra do filtro escolar	18
Compra de um par de sapatos	47
Degustando uma bala doce	13
Desmanchando um caderno escolar	19
Furto do talão de cheques	39
Ida ao campo de futebol	15
Implorando por uma gilete	20
Implorando um pão a mais	15
Indo ao moinho	28
Jogando bolas de gude	16
O circo	22
Objetos furtados em uma festa	35
Passagem inesperada de um avião	26
Presença de um forasteiro pretensioso	10
Primeira freqüência ao grupo escolar	25
Proximidades das férias, nos Maristas	31
Retirando um par de sapatos do lixo	47
Roubo do café	39
Trabalhando numa pedreira	12
Viagem para passagem do Natal na roça	43
Visita de Papai Noel	26
Vivendo em um Internato	11

*N*ossos pais empreenderam juntos uma viagem, em meados dos anos 40, embarcando eles na locomotiva do tempo, alegres e felizes, com juras de amor eterno e prometendo fidelidade mútua nas alegrias e nas dores.

Já, em maio de 1946, nossa mãe carregava no colo um lindo bebê, o mascote da família. Imaginem que festa! Também pudera! Além de novidade, significava a realização de um grande sonho pelo casal. Arcanjo mostrara-se um garoto risonho e saudável, prometia uma postura futura de muita inteligência, comando e realizações.

Na etapa seguinte as coisas não caminhavam muito bem e não lhes era permitido fazer uso total de sua privacidade. Assim, refugiadas em casa alheia, aonde as intrigas se tornaram parte do cotidiano e metidos numa vivência meio zangada, tiveram que acolher mais um garoto, que por sinal não teve receptividade tão festiva quanto ao primeiro. Durante a criação Gervásio mostrou-se uma criança meio problemática.

Nosso pai e nossa mãe puseram-se então a repensar suas vidas e reestruturar sua jornada, para que lá adiante desfrutassem de uma vida melhor. Mudaram-se para outra localidade, onde estabeleceram um comércio, no qual ele desenvolveria os seus conhecimentos práticos, e ela pudesse tomar conta do lar. As coisas no começo estavam ainda difíceis, porém, havia

perspectiva de melhora. Foi quando surgiu em nosso meio a Zenaide, menina que ao longo do tempo mostrou-se manhosa e arredia.

A viagem transcorria tranqüila e as coisas já estavam melhorando econômica e financeiramente quando o casal acolhe mais uma menina, a Adenir. Em seguida, vem um novo guri integrar a família, um menino parrudo e travesso prometendo a maior festa. O pequerrucho Sabino mostrava-se sadio e cheio de vida. Trouxe muitas alegrias ao convívio familiar.

Tudo se passava em condições satisfatórias quando a família é surpreendida com o falecimento de Adenir.

A vila em que morávamos tinha cenário de grande progresso e desenvolvimento, pois a região era coberta por suntuosas matas e a extração e transporte da madeira, em imensas carretas, e a grande produção de café, escoada no lombo de burros e mulas (as tropas) davam ao lugar uma dinâmica digna de registros históricos. Este último merecia destaque, pois o burro sinaleiro, à frente dos demais, anunciava a ocupação e travessia de toda a tropa pelo povoado, deixando em seu rastro, na rua principal, uma enorme quantidade de dejetos.

Outros fatores moldavam o aspecto estrutural do lugarejo naquela época: a presença constante de missionários cujas cerimônias religiosas, pareciam, aos nossos olhos, típicas de primeira evangelização. Sem falar no aparecimento de circos com espetáculos de todo tipo desde os palhaços engraçados até brincadeiras aterrorizantes. O clima nas ruas, nos dias de maior movimento, tinha ares de farfeste americano, pois as locomotivas dos valentões tinham lugar reservado na Cocheira do Gaita, tal qual hoje os veículos lotam os estacionamentos nas cidades. Portanto, lhes sobravam tempo para bebedeiras e brigas. Os Nobres Leitores têm ainda alguma dúvida de que o cenário era de um Eldorado que prometia ajeitar a vida de muita gente, numa terra rica em extração de madeira e vasta colheita de café?

Foi precisamente nesse clima de progresso que as pedras começaram a rolar em nosso caminho e pelo visto machucaram bastante, deixando seqüelas por toda a vida, em todos nós. Nosso pai fora duramente atingido e isso fez toda a diferença. Ele que prosperava no comércio, adquirira um pouco de terra, e tinha um projeto de vida para os filhos dos mais belos (educá-los de forma orientada, torná-los cultos), algo que ele muito invejava, se sentia mortalmente ferido. Notem que a locomotiva do tempo estava passando pela década de 50 e que nos encontrávamos numa região interiorana onde o progresso das grandes cidades prometia não chegar. Portanto, ele era um visionário. O sanho, porém, parecia ruir, pois o mal do século do qual fora vítima anos antes, "a tuberculose", manifestou-se de forma agressiva. Aumentou, por conseguinte, o sofrimento, devido aos acréscimos de preconceitos e discriminação. Todas as suas atenções estavam agora voltadas para uma sagrada cura do mal como última esperança. A sua ausência, em busca de algo milagroso, e a gravidade da enfermidade que o atingira, descortinavam para todos nós um futuro comprometedor. Estava condenado ele (nosso pai) a viver num quarto de hospital, em Belo Horizonte, onde visualizava um futuro que se entrelaçava no presente imediato, uma vez que sua sede era saciada com visitas esporádicas e ocasionais de familiares. Ele sabia que não mais retornaria.

Nossa mãe, sem nenhuma experiência na vida (casara-se muito nova), nem qualquer grau de instrução (naquela época os filhos não eram direcionados aos estudos, havia também pouquíssimas escolas e todas muito distantes), tendo em sua companhia pelo menos 4 (quatro) filhos (o falecimento de Adenir não sabemos precisar), teve que assumir não só o comando da família mas também a vida dos negócios (comercial e rural). Não bastasse isso as atividades eram interrompidas vez ou outra para visitas periódicas ao esposo distante. Talvez ele próprio tenha sido o maior culpado por ter contraído tal doença, pois afirmação espontânea do ex-conterrâneo Domingos Romanha, na década de 60, na época fiscal de tributos estaduais, já falecido, apontava nesse sentido (cuidava muito dos afazeres e dava pouca atenção à saúde).

Toda a vez que o estado de saúde de nosso pai piorava chegava um telegrama pedindo para que nossa mãe fosse visitá-lo urgentemente. Era o bálsamo de que tanto necessitava. No último telegrama, porém, nossa mãe cansada dos deslocamentos constantes para atender aos seus pedidos e ocupada com as múltiplas tarefas que desenvolvia, ficou muito nervosa e confusa. Por fim, decidiu que não o faria naquele momento — entregou tudo nas mãos de Deus. Contava ela que, como das outras vezes, o quadro clínico melhoraria. Ela havia errado em sua previsão. Logo em seguida o proprietário da pensão em que ficávamos, na Av. Santos Dumont, (em Belo Horizonte), Sr. Pedro Leal, que se tornara

amigo da família e prestava alguns favores ao paciente e à nossa mãe, telegrafou comunicando o sensível agravamento do seu estado de saúde. Com a assombrosa notícia nossa mãe e o Gervásio para lá se deslocaram rapidamente. Quando chegaram, a cama do hospital que ele ocupava estava vazia. Foi difícil aceitar a verdade de que ele havia partido e sepultado sem a presença e o conforto de qualquer pessoa da família. Lá estavam apenas objetos de uso pessoal. Dor indescritível para um garoto de apenas 7 anos e falta de resignação para uma mulher indefesa e atribulada. Causa-nos emoção descrever tal episódio, a ponto de lágrimas brotarem dos olhos do redator. Tiveram eles que se contentar com uma simples visita ao seu túmulo no Cemitério Bomfim, onde foi tirada uma foto. Era Janeiro de 1956.

Desde que nosso pai se ausentara para tratamento fora do domicílio, nos sentíamos num barco à deriva, pois, a qualidade de vida se deteriorara profundamente. Agora com seu falecimento nuvens negras cobriam os céus, o horizonte tornara-se encoberto, e a viagem prometia ser mais imprevisível. Possivelmente teríamos que percorrer regiões penumbrosas na infância; e na adolescência tudo iria depender dos rumos que nossa mãe daria à sua vida. O menor de todos (**Sabino**) contava com apenas 3 anos de idade, o mais velho (**Arcanjo**) com 9. Gervásio e Zenaide com 7 e 6, respectivamente.

Na visão da Doutora Gudrun Burkhard, médica antroposófica (doutrina que alguns consideram Filosofia de Vida e outros encaram como Religião ou Seita), segundo reportagem de Geraldo Hasse, de Florianópolis (**Gazeta Mercantil, edição de final de semana 15,16 e 17/02/2002**), a vida é dividida em setênios. O primeiro (**0/7 anos**) é o período em que para a criança "... o brincar é extremamente importante. O princípio básico da aprendizagem é a imitação dos adultos". Portanto, comprometidas agora em maior grau a educação dos órfãos mais novos. Brincar tornou-se para eles algo proibido, como verão adiante. Imitar a quem? Uma mãe aflita e desconsolada, super atarefada, sem disposição para transmitir carinho e atenção? Para o segundo setênio (**7/14 anos**) eis alguns dados proféticos da Doutora "...A principal característica deste setênio é a troca com o mundo exterior. A fantasia continua sendo muito importante.

É a época de formação de conceitos, costumes e hábitos. Aos 9 anos, ocorre o acordar do eu. Neste setênio, define-se o temperamento". Indagamos: Como seria a troca de experiência dos Órfãos, que se encontravam nessa faixa etária, com o mundo exterior, nesse novo contexto? Que fantasia, que hábitos haveriam de herdar?

Pelo que se constata dos ensinamentos doutrinários acima a criança vai sendo moldada aos poucos para o adulto em que ela irá se transformar no futuro. Essa moldagem, que não é precisamente uma escolha pessoal do que se queira ser, como ser humano, é que é importante. Já pesa bastante a carga genética herdada, uns com maior sorte, outros nem tanto. Daí ser de suma importância o capricho com o segundo elemento de composição nessa formação e que envolve a educação, o ambiente, enfim, o ar atmosférico que a criança irá respirar onde quer que esteja, como ingrediente de aprendizado e qualidade de vida, cujos reflexos poderão ajudá-lo ou prejudicá-lo futuramente. Conhecemos, por exemplo, o caso de uma menina que caminhava de mãos dadas com o pai, em plena rua de uma cidade, quando o mesmo foi mortalmente atingido por um disparo de arma de fogo por um indivíduo que propositadamente queria por fim à sua vida. Qual foi a imagem do mundo absorvida por aquela criança naquele momento derradeiro em que viu seu próprio pai esticado ao chão? Hoje, essa criatura é uma pessoa adulta complicada e por isso mesmo, tratada por todos que a rodeia com desdém. Dupla perda e desvantagem eterna.

Portanto, a nossa educação estava sendo comprometida neste aspecto.

Todos nós, que nos tornamos órfãos, tínhamos muito a reclamar do tratamento que recebíamos da nossa mãe. A comunicação entre ela e nós, mesmo antes da partida final de nosso pai, era extremamente ruim. Também pudera, vinha ela de uma criação rústica, de família bastante numerosa, criada praticamente sem mãe, casou-se cedo (e encheu-se de filhos), convivia com um marido doente, depois ausente, e achava normal dar aos filhos o mesmo tratamento recebido de seus pais. Pior que isso: achava que devia ser assim. Além disso, como já explicado anteriormente, todos os deveres e obrigações agora recaíam unicamente sobre ela. Ela não estava preparada para tanto.

Devido a tudo isso muitos acontecimentos marcaram nossas vidas porquanto apenas o lado ruim da vida nos era mostrado. Éramos todos tratados com muita brutalidade. Aquela atitude de "sargento" daquela senhora que regia nossas vidas muito nos amedrontava. E em algumas situações, não é demais dizer, nos aterrorizava. A narração de alguns desses episódios serão feitos, não como forma de ataque à nossa educadora (pois, como verão, há algumas passagens positivas, embora poucas) mas porque ao fazê-lo isso parece acalmar nossos ânimos, pois merecíamos ter vivido uma infância normal da qual pudéssemos nos lembrar com alegria.

Em março de 1956 faleceu nosso avô materno. Nossa mãe sentia-se mais angustiada e aflita e além de tudo perseguida, segundo relatos seus posteriores, por pessoas que queriam ver o seu fracasso e a sua desgraça. Ainda,segunda ela, nesses relatos, não dispunha de apoio da irmandade. Ocorreu que circulava pelo lugar um forasteiro que trabalhava como dentista prático e pretensioso a se casar com uma viúva rica. Dissera ele a um comerciante local que iria para Minas Gerais à procura de seu intento uma vez que sua noiva, por sinal de família abastada, terminara o noivado, forçada pelos seus pais. O infeliz do comerciante sussurrou aos seus ouvidos que não precisava ir tão longe para conseguir realizar tal proeza: no comércio em frente havia alguém nessas condições. O alvo certamente era nossa mãe que era bem de vida, mas que para alguns e segundo os padrões da época, a consideravam rica. Ela que rogava aos Anjos e Santos um bom casamento, fazia uma novena a São Geraldo nesse sentido. Confiado no Santo abraçou o primeiro candidato que surgiu à sua frente (o dito cujo referido anteriormente e cujo primeiro grande gesto foi abandonar a sua profissão) e com ele contraiu núpcias. Estávamos em dezembro de 1956, antes portanto de completar um ano de viuvez, atitude que causou a ira da ex-Sogra. Dessa união vieram mais sete filhos, dos quais dois faleceram, elevando substancialmente o contingente familiar a um número visto como assombroso para os dias

atuais. E podemos adiantar, como verão adiante, esse matrimônio fora um desastre.

Mas, antes disso cumpre assinalar que logo após o falecimento de nosso pai, nossa mãe tratou de colocar a todos, exceto o caçula, eu um internato em Belo Horizonte. Nunca soubemos exatamente a razão disso, pois antes de sua morte estávamos todos juntos. Por que agora essa separação? Talvez idéia do Sr. Pedro Leal? E para lá foram o Arcanjo e a Zenaide (o Gervásio, muito magrinho, foi recusado - talvez estivesse com a mesma doença do pai - suspeitavam). Os educandários eram distintos e situavam-se meio distantes um do outro, de modo que os dois não se comunicavam com muita freqüência. A verdade é que para o Arcanjo, que sempre demonstrou um temperamento robusto, enfrentando de cabeça erguida as adversidades, conviver com aquele mundo novo posto à sua frente provavelmente não lhe causou nenhum trauma. Ao contrário, pode até ter sido uma oportunidade de um bom aprendizado que tenha somado valores em sua vida. Mas para a Zenaide tudo exerceu efeito contrário. Aquela situação a constrangia profundamente e lhe causara imensa revolta. Era algo que o seu inconsciente não aceitava de forma alguma. Merecia, pois, uma boa explicação. Dessa forma ela se punha a descobrir: talvez, a nossa mãe assim procedera justamente para afastá-la do convívio familiar, uma espécie de rejeição. E assim, esse raciocínio se materializou, quando de uma nova visita nossa mãe fora anunciando o seu recente segundo matrimônio. Pareceu-lhe estar aí toda a

explicação. Uma angústia existencial tomou conta dela agravando-se ainda mais ao tomar conhecimento de que nossa mãe viera buscar somente o Arcanjo. O inconformismo da Zenaide combinado com a insatisfação da diretora do Orfanato resultou numa batalha feroz. Na falta de alternativa nossa mãe a trouxe de volta para casa. Mas foi uma decisão forçada ao invés de espontânea. Daí a multiplicação da revolta e do inconformismo, por parte da Zenaide. Esses sentimentos cruéis por ela adquiridos a perturbaram longamente, mesmo após se tornar uma mulher madura, mãe de dois adolescentes, a ponto de derramar lágrimas e lágrimas. Também pudera! A sua infância e a sua adolescência não lhe reservaram momentos graciosos e belos dos quais ela pudesse lembrar saudavelmente. Pelo lado emotivo, sem dúvida alguma, foi a que mais padeceu. Faltaram amor e carinho, como a todos nós, e agora a presença indesejada do padastro, um intruso na família, em nada lhe favorecia.

Ao Sabino, o mais novo, nossa mãe ensinou-o a chamar o nosso padastro de "Pai". Mas esse ensinamento, embora feito de muita boa fé, revelou-se mais tarde, maléfico. Após entender das coisas o Sabino sentiu-se enganado e ainda hoje nutre verdadeira mágoa por ter sido induzido a tal.

Certa ocasião surgiu as férias escolares. Todos alegres e ansiosos por momentos de descontração e lazer. O que nos aguardava? Um passeio pelos bosques! Não, uma semana na casa de nossos

tios para apanhar frutas! Nada disso! Na entrada do lugarejo se estendia uma enorme pedreira explorada por um ex-presidiário. É para lá que foram encaminhados o Arcanjo e o Gervásio, como que mandados brutalmente para um campo de concentração nazista, trabalhando de sol a pique, transformando pedras em britas, enchendo latas para receber míseros trocados. Não que precisávamos daquele dinheiro. Era maldade mesmo. A venda era sortida. Mas depois de estudar meses a fio merecíamos desfrutar de um bom convívio e não de uma condenação. Provavelmente, a nossa presença em casa era perturbadora. Mas não precisava tanto. E pior ainda era agüentar o comentário dos que nos conheciam: **"Meus filhos, vocês não precisam disso!"** Sentíamos nessas palavras o reconhecimento público de que estávamos de fato cumprindo uma pena, cujo crime inexistiu. Ao Sabino, que só deve ter escapado dessa devido à sua tenacidade, cabia o encargo de levar aos prisioneiros as marmittas do almoço.

O medo, portanto, ralhava nossas vidas. Certa feita o Arcanjo titubeou e degustou uma bala doce, enquanto tomava conta da venda. Semelhante a Adão no Paraíso, sentiu-se envergonhado e amedrontado pela falta de permissão prévia. Objetivando escapar de alguma punibilidade ou expulsar de si aquele sentimento culposos, começaram as investidas para que lhe fosse permitida tal degustação. Quando finalmente, ante muitas insistências, obteve a autorização desejada, prontamente exclamou: **"Já Chupei"**. E assim,

revelou-se réu confesso, porém, ficou resolvido o seu problema de consciência. O que se vê nesse gesto de uma criança? Inteira falta de afeto maternal. Ao invés de nossa mãe transmitir amor, segurança, respeito, o que se via era o nutrimento de sentimentos hostis. Pode isso acrescer valores nos traços da personalidade de alguém?

Mas esse modo de criar os filhos não era um desacerto somente seu. A maioria dos antigos tinha uma visão distorcida de como encarar a existência dos filhos. A Zenaide, por exemplo, cita, de vez em quando, um trecho de uma conversa de um tio nosso, em que ele afirmava, enquanto ela, calada, se ressentia: **"hoje em dia não vale a pena ter filhos; eles crescem e todos querem estudar!"**. A escravidão não havia acabado em 1889, com a Lei Áurea? Concluimos, portanto, que os filhos deviam engrossar os braços na lavoura. Essa era a meta principal: **"filhos objetos"**.

Esse conceito estava caracterizado, pois nossa mãe vivia dizendo que iria mandar fazer uma tala com a qual pudesse nos açoitar. Estávamos ávidos por afeição e duvidávamos que esse projeto se concretizasse. Um dia ela se dirigiu a uma oficina de sapatos para encomendar a tal tala. O Gervásio que até então duvidara de tal providência, acompanhou-a até aquele estabelecimento, assim que notara sua intenção, e ficou perplexo ante aquela atitude. **"Somos tão indesejados assim?"** pensou ele. Dias depois estava a tala pendurada em uma porta da casa,

pronta para ser usada nos momentos em que, segundo ela, merecêssemos. Como esquecer dela (a tala) ?

Podíamos, então, sentir, a todo instante, de forma nítida a dureza dos sentimentos de nossa mãe. No lanche matutino de todos os dias, só nos era permitido ingerir um pão de sal francês cada um. Em vão todos os esforços em nossas solicitações para que nos permitisse comprar uns pães a mais. Não é à toa que às vezes lembramos e brincamos com o Arcanjo que não se dava por satisfeito. "Ai que café gostoso!" exclamava ele. Mas sabíamos que se tratava de um disfarce no qual indicava que sua mão direita estava estendida às costas fazendo uma solicitação no sentido de receber umas migalhas daqueles que ainda estavam tomando o café da manhã. Em muitas ocasiões sentíamos peninha dele e o atendíamos. Mas éramos incisivos em afirmar: "Só desta vez. Não peça mais".

As proibições continuavam muito severas. Além disso todas as ameaças de uma tremenda surra eram rigorosamente cumpridas. Mesmo assim, num dia de festa, ocasião em que as ruas estavam tomadas por visitantes, e nossa mãe cercada de amigas, o Gervásio se atreveu a pedir permissão para ir até o campo de futebol onde as crianças se divertiam. A resposta veio num gesto de ameaça: "Vai, depois a gente acerta!" O Gervásio viu naquele dia uma oportunidade ímpar de participação em um jogo de futebol infantil que ele tanto desejava desfrutar no belo gramado

local. "Talvez, quem sabe, a ameaça não se concretizaria", imaginava ele. Qual nada! Ela adentrou no campo, silenciosamente, com uma vassoura de meiga escondida em seus braços, e quando os coleginhas o alertaram de sua perigosa presença, já era tarde. O Gervásio foi retirado às bruscas daquele campo e levado para casa aonde chegou com as pernas todas avermelhadas. Nunca mais se atreveu a fazer um pedido de natureza semelhante e sequer traçar rumos por vias forçadas.

Não bastasse isso, certa feita, 08:00 horas da manhã, de um domingo ensolarado, em frente à casa do vizinho (defronte à nossa), a garotada disputava bolas de gude. Eis que repentinamente chega D. Maricota, toda brava, e furiosamente indaga: "Quais são bolas que pertencem ao Gervásio?" "Aqueles três," responderam em coro. Apanhou-as com punhos cerrados, sem pedir licença, e agarrando o Gervásio pelo braço, gritou: "Venha, veja aonde vou guardá-las" - e as lançou impiedosamente no fundo da fossa situada numa das extremidades do nosso quintal, seguida da proibição de não mais tornar a por os pés na rua. Lá, entendeu o pobre diabo do garoto, "estão sepultadas para sempre. Adquirir novas seriam destiná-las o mesmo fim. É melhor não se atrever". E aquele domingo, para o Gervásio encerrou-se cedo demais, enquanto que os outros garotos lá permaneciam risonhos e felizes com suas brincadeiras.

Será que aquela senhora não podia imaginar que estava moldando de maneira perversa o temperamento daquele garoto? E que estava causando a ele um dilaceramento tremendo em sua formação, através de desajustes psicológicos e sociais, que por certo iriam interferir seriamente na sua vida adulta, dificultando a maneira de o mesmo encarar o relacionamento com as pessoas e persistir em busca de suas conquistas? Oxalá, estivesse presente naquele momento uma pessoa esclarecida e desse um baita puxão de orelha em nossa mãe. Não, prezados leitores, não queriam agir assim com seus filhos. Estimule-os desde cedo a se envolverem com bons amigos, a realizar pequenas conquistas. Estamos num mundo globalizado. O isolamento e o individualismo tornam-se imensamente prejudiciais na busca de nobres ideais. Mas infelizmente, naquela época todos nossos educadores davam ênfase ao individualismo. O mundo em que vivemos hoje tem uma dinâmica que prioriza sobremaneira o coletivismo.

Espetáculo estremeceador. Isso mesmo, formávamos fila para apanhar. Na cozinha enquanto o Arcanjo levava uma tremenda surra com archa de lenha (cheia de ferpas), retirada debaixo do fogão, nós outros aguardávamos a nossa vez. Vivíamos, nesse momento, uma dor indescritível. Não podíamos socorrer o Arcanjo, que se encontrava em total desespero, e nos víamos obrigados a assistir aquele ato perverso,

temendo e aguardando punição semelhante. Se corrêssemos apanhariamos em dobro.

Nossa mãe assim como era mão de vaca nos afetos também o era em relação ao dinheiro. Apesar de ser considerada uma forte comerciante no lugar, sua fama de durona percorria os arredores. **"Todos estão intimados a trazerem uma colaboração para compra do filtro para a sala de aula"**, clamava a professora a cada dia que aparecia para ensinar sua disciplina. O Gervásio já estava cansado de tanta cobrança, enquanto a Zenaide pouco se importava. De uma coisa tínhamos absoluta certeza: dinheiro da nossa mãe para colaborar na compra do filtro jamais ocorreria. Podia rezar a tudo quanto é santo, que esse milagre era irrealizável. Um dia, a professora aborrecida por não conseguir completar logo a quantia, esbravejou: **"Quem não trouxer dinheiro também não irá beber água do filtro"**. Alívio momentâneo para o Gervásio que logo suspirou: **"Tudo bem, então está resolvido o meu problema. Não tenho mais o incômodo de pedir dinheiro à Mamãe (que não vai dar mesmo) nem tampouco me dirigirei ao filtro"**. A Zenaide não se esquivava de tomar uns goles quando a sede apertava. Mas o Gervásio foi determinado e mesmo antes às insistências da Zenaide não ousava sequer se aproximar daquele filtro cujo toque representava algo proibitivo.

E assim, aos poucos, ia se crescendo em nós, sentimentos de falta de amor próprio e um certo

complexo de inferioridade. Era, sem dúvida, uma cruel afronta aos princípios éticos e morais.

Quando o Gervásio estudava em Vila Velha, no Internato dos Maristas, estava em crescimento e sua calça (curta) de uniforme, usada sempre aos domingos para ir à missa, estava a cada dia mais apertada. Suspirava ele pela chegada das férias quando então formularia um pedido à nossa mãe na obtenção de outra de melhor tamanho. As insistências foram inúmeras e bastantes freqüentes, durante o período de férias, mas nossa mãe estava sempre pronta para as negativas. Não era uma questão de dinheiro e sim de atenção e capricho, entendia o menor. Havia a quem recorrer? Não! Qual a solução? Retornar para o colégio com aquela muda de roupa. Sufoco e adrenalina em pensar como seria a manhã do próximo domingo! O dormitório era enorme. O contingente de alunos também. O Irmão (Marista) que percorreria o dormitório entenderia o drama? E o Gervásio tentava inutilmente vestir-se com aquela peça de roupa. Foi naquele esforço repetitivo que o Irmão (Marista) percorrendo o corredor, exclamou barbaramente: **"Meu filhinho, você não está vendo que essa calcinha não cabe em seu corpinho?"**. Como ficou resolvido o caso nem mesmo o Gervásio lembra. Lembra sim dos desacertos havidos em sua vida infantil.

Há também aquela passagem do caderno, no período em que ainda freqüentávamos o Grupo Escolar. Um caderno de duzentas folhas, escrito na frente e verso, sem deixar sequer uma linha em

branco. "Mãe, o caderno está no final, é preciso levar outro", argumentava o Gervásio. "Mãe, a professora já me avisou que o caderno não vai dar para a próxima aula" - insistia o necessitado aluno. Ante todas as negativas o miserável garoto teve uma idéia: "Vou sentar-me aqui do lado de fora do balcão, debruçar-me sobre a máquina de costura que está à venda, vou começar a desmanchar as primeiras linhas, e ela, que sempre passa por aqui irá constatar minha necessidade e dar-me-á um caderno novo, um daqueles empilhados do lado de dentro da loja". "Isso mesmo, meu filho. Assim é que se faz!" adiantou ela ao presenciar o que estava sendo feito. Não havia outra alternativa a não ser desmanchá-lo por completo se quisesse voltar à sala de aula e dissipar aquele tipo de preocupação.

Nossa mãe nos negava as mínimas coisas, tendo inteiras condições em nos atender. O Gervásio pediu emprestada ao Ruy, na sala de aula, sua gilete. Por azar ela partiu ao meio, em um dos lados. Tentou devolver sem dar o alarme. Depois diria que não tinha sido ele. Mas o seu dono percebeu logo de cara. E daí as cobranças insistentes. O recurso era pedir a D. Maricota. Ela sempre dizia não. "Mãe, dá-me um dinheiro para comprar uma gilete". "Mãe, quanto custa uma gilete?" "Mãe, posso todo dia fazer uma poupança deixando de comprar o meu pão de sal pela manhã e acumular dinheiro para comprar uma gilete?" Não havia jeito mesmo. O Gervásio, pressionado pelo dono (da gilete), utilizou o último recurso: retirou uns trocados de dentro da gaveta da venda, repleta de dinheiro, comprou a tal gilete e ponto final. Acontece, porém, que um dia tal fato foi

confidenciado a um colega de escola que acabou revelando o segredo. Resultado: foi um escândalo danado no lugarejo. Parecia que um crime havia sido cometido. Todo dia uma surra, que parece ter durado pelo menos um mês. No colégio e nas ruas o pobre do Gervásio se sentia humilhado e no dever de explicar a todos que lhe perguntasse o que havia ocorrido.

Enquanto o Gervásio mostrava um comportamento conformista o Arcanjo dispunha de um temperamento mais ajustado à realidade. Todos os meninos do lugar formavam diversos grupos entre si e em cada briga um grupo defendia o outro, coisas de crianças, mas que para nós tinha uma representação enorme. Nós não tínhamos como pertencer a quaisquer deles, estávamos sós, e éramos agredidos por eles que vinham com toda força e coragem sobre nós, por várias razões: primeiro, estávamos dispersos (**não por culpa nossa**), não pertencíamos a grupo algum e só podíamos sair para ir à Igreja, ao Grupo Escolar e efetuar umas comprinhas para casa (**tudo com um pé lá e outro cá**); segundo, porque nossa mãe ao perceber qualquer intriga nos batia na frente dos outros meninos, sem procurar saber se tínhamos ou não razão, fazendo-nos passar a maior vergonha, enquanto eles riam de nós. Então apanhávamos em duplicidade. Era deveras uma desvantagem absurda. E isso nos fazia sentir bastante diminuídos, aliás, como sempre. O Arcanjo, obstinado a nos defender e a si próprio, valia-se da sua coragem e acreditando na sua força física, pedia segredo, e investia, em

momentos oportunos, longe dos olhares de nossa mãe, contra esses agressores, numa eventual desforra, prometendo novos ataques se a perseguição perdurasse. Isso impunha respeito sem dizer que o valente do Arcanjo se sentia com ares de quem conquistou um troféu.

Mas o mesmo comportamento não teve o Gervásio quando o Arcanjo, numa tarde ao final da reza, recém-chegado de BH, encarado pela meninada como forasteiro na localidade, se dispôs a enfrentar na arena, ao lado da Igreja, um a um os que ousavam desafiá-lo para que ele mostrasse se era bom de briga. Era uma provocação deprimente: bem próximo a um lugar sagrado, cujos dirigentes pregavam o amor ao próximo, e logo em seguida a uma cerimônia religiosa. Tão logo se iniciou o primeiro round o Gervásio saiu em disparada a caminho de casa e gritou para a nossa mãe: "Mãe, estão matando o Arcanjo - corre!" E a nossa mãe notificada a respeito correu imediatamente pondo um fim àquele espetáculo cruel, usando, é claro, sua postura de sempre. O Gervásio temia que mais de um, ou todos, investissem simultaneamente contra o Arcanjo que morreria ali mas jamais ousaria se acovardar. Daí o seu desespero em busca de socorro urgente.

Mas o que afetou fortemente o Gervásio foram as constantes transmissões de medo incutidas em sua mente ao longo de sua infância. Lembra ele, por exemplo, que um circo se instalara no lugarejo. A nossa mãe fora assistir a uma sessão noturna levando-o consigo. Os palhaços apresentavam

uma peça teatral em que a cada lapso de tempo alguém acabava morrendo pelas mãos cruel de um assassino. Uma ora era fulano, outra ora beltrano e assim por diante. A nossa mãe, temerosa quanto a esses acontecimentos, subitamente levantou-se de seu assento, na arquibancada, e pôs-se a evadir do local (o Gervásio sempre grudado à sua saia) alegando em alta voz que ela seria a próxima vítima. Naturalmente, alguém da platéia que pertencia ao espetáculo, havia tido essa má sorte. Em vão os apelos das pessoas para que permanecesse calma. Enfrentou decididamente a multidão que ali se amontoava e afastou-se de vez das imediações, indo para casa. O Gervásio sempre a acompanhando e julgando nobre e sábio o gesto de nossa mãe para fugir daquele infortúnio, porém, assimilando tudo aquilo de olhos arregalados, sentindo-se tremendamente escandalizado. "Por que tinha que ser assim"? - julgava ele. Só bem mais tarde, com o passar dos anos, o Gervásio foi entender e concluir que a nossa mãe devia ser uma pessoa bem ingênua, imatura, uma personagem típica do Brasil interiorano daquela época, que não sabia distinguir entre a ficção e a realidade, e que todos ali deviam entender a verdade do que se passava, menos ela. Esse e outros acontecimentos penetraram profundamente no inconsciente do menino, justamente naquele período do 1º. setênio (0/7 anos), em que a doutrina antroposófica da Doutora Gudrun Burkhard assinala que "o princípio básico da aprendizagem é a imitação dos adultos". Carregou ele, em seu subconsciente, os

reflexos negativos desse fato, de tal forma, que tudo se refletiu maciçamente em sua vida adulta, quando erroneamente, o médico que o assistia em um longo período crítico de sua vida, efetuou troca abrupta de seus medicamentos.

Convidamos agora os nobres leitores a saborearem conosco algumas passagens engraçadas que a marca do tempo ainda não apagou. Sem dúvida alguma a sua exposição dará um ar pitoresco à nossa leitura:

Podemos citar, por exemplo, aquele episódio em que relutávamos em ir ao grupo escolar pela primeira vez. Uma mistura de medo, timidez, vergonha, saltava-nos aos olhos que culminavam numa tamanha indecisão. A forma encontrada por nossa mãe foi divina. Lembrem-se, caros leitores, da tropa de burros que transportava o café da região? Pois bem, dizia nossa mãe, de forma inusitada, precisamente no momento em que a tropa ocupava a rua principal: **"Todos esses burros eram crianças que não quiseram estudar"** Foi uma notícia bombástica. **"Então vamos nos tornar iguais a eles, quando crescermos?"** Foi de arrepiar os cabelos. Começaram a surgir os primeiros passos em direção ao colégio. Mais lá na frente, estava a diretora D. Ilma com um grupo de meninos ao ser redor. **"Venha Gervásio, que eu te dou um Santinho!"** disse ela. Ele que já oferecera menos resistência, juntou-se ao grupo de alunos, lançando mão daquele santinho. No seu pensar havia matado dois coelhos de uma só vez. E daquela singela forma estava resolvido um problema crucial para um garoto tremendamente assustado e indeciso. Para essa ocasião uma nota 10 para nossa mãe que de forma sábia resolveu a questão sem causar traumas.

Sinais estranhos surgiram repentinamente nos céus. A quase totalidade da população não tinha a menor idéia do que se tratava. Todos os moradores puseram-se prontamente nas ruas a observar tal fenômeno. O pânico era geral. Muitas famílias acreditaram ser o fim do mundo e em visível desespero puseram-se em oração. O Gervásio sentiu-se angustiado, pois o comportamento dos adultos dava um tom muito grave àquele momento. Na verdade era um avião ajato que rasgava o espaço deixando para trás um rastro contínuo de fumaça que se alongava indefinidamente. E, como estávamos há anos luz afastados da civilização contemporânea, daí o enorme reboiço que se formou. Mas o Gervásio nessa ocasião foi inteligente. Observou ele que um determinado grupo de adultos, em um certo momento, deu ao acontecimento um tom de brincadeira, o que provocou risada entre eles. Donde o menor, concluiu: **"São adultos, conhecem as coisas. Se estão sorrindo é porque não é tão grave assim"** E desta forma, penetrando no íntimo dessas pessoas, o Gervásio tranquilizou-se de forma tal que aquela postura dos adultos há de ser lembrada para sempre enquanto viver. Razão, pois, tem a doutrina antroposófica. da Doutora Gudrun Burkhard.

E como estávamos num submundo, assustava tremendamente as crianças aquela figura do Papai Noel, aquele velhinho barbudo, cansado, que com fadiga carregava um imenso saco de presentes às costas (**para distribuir à garotada**) e que chegava sempre à noite, entre fogos e gritos. A

verdade é que não suportávamos nem ficar no colo da nossa mãe ou de quem quer que seja e púnhamos-nos a correr desesperadamente para o final da rua indo parar lá perto da Cocheira do Gaita. A presença de um personagem tão estranho, vindo lá dos céus, onde se imaginava existir apenas pessoas bonitas e risonhas, causava-nos tamanha decepção. Algumas dúvidas passavam por nossa mente: "Porque Papai Noel escolhera visitar justamente o lugar em que morávamos? Ia dar tempo para visitar todos os outros lugares da terra na noite de Natal? E por que trazia sempre as mesmas coisas que tínhamos na nossa venda?"

A grande verdade é que estávamos habituados a um mundo no qual não existia cinema, televisão, nada de modernidade, e tudo aquilo era um choque tremendo. As coisas deveriam vir por etapas. Havia sim o rádio, mas não em todas as casas. O repórter Esso, na Venda do Chisté, era um banho de cultura, do qual nós, costumávamos participar. Nisso nossa mãe também está de parabéns. Por causa disso ela não brigava (mas também ficava defronte ao nosso comércio, e ela, nesses momentos, estava livre do incômodo de nossas presenças e não estávamos brincado com outras crianças).

Nas tardes de domingos, nos misturávamos à multidão **de adultos** que se aglomerava ao lado do rádio, na Casa do Sr. Vital, um renomado comerciante, para acompanhar alguns lances dos jogos do Campeonato Nacional de Futebol. Todos exprimidos, ficávamos admirados ao acompanhar

as sábias jogadas de grandes craques brasileiros. Foi assim que tomamos conhecimento da existência de famosos jogadores como Belini, Didi, Vavá, Nilton Santos, dentre outros.

As poucas vezes em que íamos além da pedreira onde estivemos (**Arcanjo e Gervásio**) em regime de trabalhos forçados, era pra buscar fubá. "Seu Torreta, tem cachorro?" "Podemos então descer" - gritávamos afoitos. Era um senhor fino, educado e bondoso. Respondia ardorosamente como se se sentisse lisonjeado com nossas visitas. "Podem descer, já preendi os cachorros". E lá íamos nós morro abaixo, penetrávamos no quintal de sua casa e nos dirigíamos até o moinho para comprar aquele preparado. Tínhamos o cuidado de não pesar muito os sacos brancos que levávamos, pois sempre colocávamos dentro deles limas e laranjas, que ele, Seu Torreta, deixava arrancar dos pés próximos ao moinho, sem demonstrar qualquer tipo de pãodurragem.

Ao Gervásio, um certo empregado da venda do Cazelli, defronte à nossa, o chamava de "gordo", por ser ele (**o Gervásio**) magrinho. Ele se divertia bastante com isso uma vez que o magricela do menino repudiava a brincadeira. Era preciso ir à forra. Colocar um basta nisso. O que fez o menino? Um certo dia, no meio de semana, antes de sair para a escola, o Gervásio pegou bosta de burro e sorrateiramente a pôs dentro da venda em que o Baiano trabalhava. Em seguida, desceu o beco e escondeu-se atrás de um dos tambores enfileirados na sua descida. Tinha ele noção da

gravidade da artimanha que praticara. Não queria ser surpreendido, quando voltasse do colégio, por uma bruta surra da D. Maricota. Como o empregado fora reclamar com nossa mãe e ela em alta voz dizia que iria acertar as contas com o extravagante do menino, o Gervásio saiu de seu esconderijo, e anunciou: "Mãe, ainda estou aqui". E prontamente pôs-se a limpar o chão da venda. Não foi desta vez que saiu ganhando uma disputa contra alguém. Sabia ele que tudo tinha que acontecer na surdina. Qualquer interferência de D. Maricota era ganho de causa certa aos estranhos. Disso não havia dúvida. Era D. Maricota a única pessoa no mundo que prometia bater e cumpria rigorosamente. Mas, numa outra ocasião o plano foi mais bem arquitetado e o garoto decidido a apanhar, se necessário fosse. Afinal, o risco sempre existiria. O Baiano andava sempre de branco (calça e camisa). Ele se atreveu a chamar o Gervásio de "gordo", exato naquele domingo barrento (a rua não era calçada). O Gervásio não titubeou: lançou mão de uma porção de barro e emporcalhou suas vestes pra valer. Foi um gesto ousado e desta vez ele sentiu na pele o peso de suas intrigas. Desta vez, ao que consta, não tivera paciência para procurar por D. Maricota. Fora uma vitória para o "gordo".

Já nos fazíamos presentes em vários vagões daquele trem que partira inicialmente com seus dois personagens, confiantes numa viagem prazerosa, sem saberem que muitos percalços fariam parte daquela longa caminhada. Isso porque a nossa família agora havia crescido demais. É que com o segundo casamento de nossa mãe a cada ano nascia mais um. Ter muitos filhos, naquela época, era quase uma imposição da sociedade. As cobranças religiosas eram severas e constantes. De modo que quando alguém era perguntado sobre quantos filhos teria, a resposta era taxativa: "Quanto Deus mandar".

Era comum na época religiosos irem ao interior recrutarem meninos para estudarem para a vida religiosa. A estrela dos Reis Magos conduziu alguns desses religiosos ao lugar em que habitávamos. E os seus olhares nos identificaram, modéstia à parte, como pessoas íntegras e que podiam juntar-se ao rebanho por eles formado. Nessa condição pudemos (Arcanjo, Gervásio e Sabino), em épocas diferentes, ingressar no Juvenato Marista de Vila Velha e posteriormente seguirmos para o Estado do Rio, a fim de darmos prosseguimento aos estudos. Esse período de convivência religiosa foi fundamental nas nossas vidas, pois quando de lá saímos tínhamos alcançado um nível cultural básico considerado excelente e herdado deles uma postura que nos permitiria criar nossas famílias dentro de princípios éticos. As conquistas que se seguiram,

em nossas vidas pessoais, foram, sem dúvida, todas elas alicerçadas nos conhecimentos e ensinamentos lá adquiridos. Alcançamos a posição que temos hoje graças aos Irmãos Maristas. Foi por assim dizer o pedestal que nos possibilitou obter muitas vitórias.

Mas, mesmo assim quando o assunto era dinheiro ainda restavam constrangimentos. Lembramos todos nós, em especial o Arcanjo, que quando se aproximava o período das férias escolares, nossos educadores (**os Irmãos Maristas**) pediam para que escrevêssemos a nossos pais para que remetessem o dinheiro necessário para a viagem. Todos os dias chegavam inúmeras cartas. A cada distribuição era uma tamanha ansiedade de nossa parte. Tínhamos aquele imenso desejo de sermos contemplados, como se fôssemos receber um grande prêmio. Qual nada! Renovávamos nossas esperanças a cada dia (**pois éramos em 100 estudantes**) ao mesmo tempo em que as víamos estendidas ao chão. Sabíamos que não haveríamos de receber. Sentíamos que estávamos longe de não nos sentirmos diminuídos perante os outros. Da mesma forma que nossa mãe nos negava as coisas quando ainda éramos pequenos continuaria a nos negar agora também, seja por puro desleixo ou pela real falta de condição financeira. Não! As coisas não haviam mudado! Sentiamo-nos, pois, humilhados perante todos os colegas e perante os próprios Irmãos Maristas uma vez que tínhamos de receber de suas próprias mãos aquele dinheirinho minguado para nossas próprias viagens, enquanto os demais se

regozijavam com as cartas recebidas e entregues na presença de todos, recheadas com um bom dinheirinho. Daí se concluía forçosamente que eles sim seriam recebidos com pompas nos seus lares, enquanto nós, provavelmente não. Nessa ocasião, lembrava o Gervásio do caso do filtro escolar. "**Não havia como ser diferente!**" – pensava ele.

É oportuno ressaltar aqui o reflexo desse acontecimento: para o Arcanjo, essa falta de capricho de nossa mãe, e esse constrangimento silencioso perante os colegas, atingiu profundamente sua alma. Primeira prova disso é que quando o Sabino escrevia fazendo as mesmas solicitações ele, desempenhando o papel de pai, prontamente atendia, no intuito de não vê-lo passar pelos mesmos constrangimentos. Em muitas ocasiões, não muito distantes, portanto, tendo se passado uma eternidade, pronunciava ainda tais relatos. E foi assim que um dia, em pleno século XXI, descendo a estrada de acesso ao Convento da Penha, juntamente com uma prima, a qual havia conhecido momentos antes, pôs-se espontaneamente a descrever o ocorrido. Não resta dúvida de que os malefícios daquela ocorrência ainda persistiam. Quanto ao Gervásio os efeitos foram nulos. Quer dizer, não causou nele nenhuma chaga. Sabem porque? Ele já estava acostumado e moldado àquela vivência dos seus tempos de criança (**lembram-se do caso do caderno? do filtro escolar? do trabalho na pedreira? da calça curta que tanto pedira?**). Ele absorveu e incorporou tudo isso ao seu subconsciente. Bom resultado naqueles momentos das cartas, mas

tremendamente prejudicial para sua futura vida adulta, na batalha que deveria empreender para atingir seu desenvolvimento cultural, profissional e outros.

Aqueles estudos, ao que parece, ficaram de graça. Existia uma anualidade a ser paga. Mas, no nosso caso, ao que tudo indica, essa obrigação não foi cumprida. Pode até ter ocorrido algum pagamento parcial, mas nada de muito significativo, pois por lá passaram Arcanjo, Gervásio e Sabino, donde se conclui que a quantia devida devia ser significativa. Nem por isso éramos mandados embora. É por isso que dizíamos que a mão de Deus permanecia estendida sobre nós. Com certeza, nosso pai, lá nos céus, intermediava tal pedido ao Senhor. O maior reconhecedor de todo esse benefício recebido tem sido o Arcanjo que não se cansa de louvar os Irmãos Maristas pela educação gratuita que nos foi transmitida, sem a qual estaríamos no "**fundo do poço**", pois nossa mãe, apesar de receber do nosso pai inúmeras recomendações para que nos encaminhasse ao mundo dos estudos, por certo não faria tanto; as condições não permitiam **(ela escolhera, na prática, um novo rumo, casando-se pela segunda vez, enchendo-se novamente de filhos, com o agravante de ter feito uma péssima escolha)** e tampouco tinha visão suficiente para programar vôos elevados para os seus.

Por outro lado, temos de reconhecer que ela, nossa mãe, jamais permitiu que nos afastássemos da vida estudantil. Não nos dava meios para isso,

mas chorava, berrava, esbravejava, mas não aceitava que abandonássemos os livros. Foi assim que o Arcanjo se esquivou de se tornar motorista de caminhão. Deu impulso aos seus estudos e fez com que toda a família seguisse seu exemplo, ocupando todos, atualmente, uma posição satisfatória. Advogado bem sucedido que é hoje, com formação também em Ciências Contábeis e Administração de Empresas, mestrado e doutorado na vida prática, prossegue ele (o Arcanjo) com suas investidas incessantes para que os seus filhos possam mergulhar com profundidade no campo do conhecimento.

Outro ingrediente que tornou possível as conquistas que alcançamos e que o Arcanjo, além de reconhecer, faz questão de divulgar, sempre que surge uma ocasião propícia, é que nossa mãe sempre lutou para que todos permanecêssemos juntos e dividíssemos tudo o que tivéssemos em mãos. Até uma bala deveria ser dividida em tantas partes quanto o número de irmãos existentes ao redor. Foi com esse ensinamento que o Arcanjo, nos momentos em que dispunha de bom emprego, resistiu aos inúmeros conselhos de seus colegas para que cuidasse somente de sua vida, uma vez que não fora ele quem colocara os irmãos no mundo. Ao que ele retrucava: **"se algum de meus irmãos tiver que passar necessidade ou ficar ao desabrigo, passaremos necessidades todos juntos"** E ainda acrescentava, destemido: **"Se preciso for tirarei a minha camisa para não permitir que algum deles fique no desalento"**. E assim, imbuído desse espírito solidário, procurava, na medida do

possível, socorrer os irmãos. O Sabino, por exemplo, que vivia trocando de emprego, hoje é um destacado profissional da contabilidade; porém, teve o início de sua carreira guiado pelo Arcanjo que montou o escritório e com os seus conhecimentos e influência angariou bons clientes. A vida longa que nossa mãe está tendo (**um outro exemplo**), portadora que é de hepatite crônica por contaminação do vírus C, desde a década de 80, em virtude de uma transfusão de sangue, se deve ao Arcanjo. Com sua larga experiência de vida e sem medir esforços de qualquer tipo (**inclusive o financeiro**), a levou ao melhor especialista no assunto em São Paulo. E foram inúmeras as vezes que adquiriu medicamentos importados e caríssimos, naquela ocasião, para controlar a doença. Quem de nós se dispunha a fazer isso, naquela ocasião? Fariamos sim, tudo ao nosso alcance, mas limitado às condições havidas em âmbito local. Não dispúnhamos de tanta experiência nem de dinheiro que possibilitasse expressar tal gesto.

Aliada a essa virtude da solidariedade, cultivava a nossa mãe, em todos nós, o hábito de nos despojarmos de tudo aquilo que não nos pertencesse. Mesmo em se tratando de um achado deveríamos procurar o dono e devolvê-lo, jamais possuí-lo. Disso também cuidou o Arcanjo numa estreita vigilância ao comportamento de todos nós. Foi assim que certa vez o Nilo e o Marcondes (**do 2º. casamento**) apareceram em casa, oriundos de uma festa, trazendo consigo alguns pertences lá furtados. A alegria deles era tanta que muito nos

assustamos. Ficamos estupefatos, boquiabertos, ante aquela atitude dos dois. Pois bem, o Arcanjo deu-lhes uma lição de moral. Colocou-os dentro do carro e levou-os de volta ao lugar da festa sob ameaça de fazê-los eles próprios devolverem tais bens. Mas para amenizar as penas dos dois infratores ele mesmo os reconduziu (os bens) até o local devido, sob a advertência de que numa próxima vez eles próprios teriam que fazer isso. Nunca mais o fato se repetiu. Quer dizer, enquanto o pai estava ausente, a mãe incapacitada (**perdera o controle da família**), assumiu o Arcanjo o sagrado lenho de conduzir a todos no caminho do bem. Não temos nós o dever de reconhecer que com a morte de nosso pai, pesou sobre seus ombros (**do Arcanjo**) uma carga deveras pesada?

Como na viuvez de nossa mãe havia sido feita a partilha dos bens, a propriedade rural de 10 alqueires ficou pertencendo aos herdeiros. Não fosse isso tudo teria ido de água abaixo, tal qual ocorreu com os demais ativos deixados pelo nosso pai, em decorrência de seu falecimento. Até o paradeiro do seguro pela sua morte, que segundo o ex-corretor Durval daria para comprar seis boas casas residenciais, ignora-se o seu destino. Tudo em razão do nosso padastro ter-se revelado um mal-administrador, um gastão e um irresponsável, pois punha tudo fora. Despejava em suas mãos quantidade exagerada de perfume, cujo frasco era retirado das prateleiras de nossa venda sem o menor pudor, para lavar seu rosto, num gesto que nós ainda pequenos entendíamos como totalmente extravagante, pois a nós mesmos eram impostas, por nossa mãe, pesadas limitações. Mas pesou sobre nossas costas (**filhos da 1ª. família**) e sobretudo ao Arcanjo, durante boa parte da vida, a incumbência de cuidar dos membros da segunda família e inclusive, durante algum tempo, do próprio demolidor dos nossos bens (**depois ele desapareceu sem deixar notícias**), sem contar a nossa mãe falida, pois todos os nossos ganhos (**dos filhos da 1ª. família**) eram revertidos para o sustento de todos.

Em 1964 e 1965 ocupávamos um imóvel alugado na rua Laguna, em Colatina. Ao todo éramos em onze. Tratava-se de uma pequena pensão que funcionava de maneira informal. Entravam uns trocados mas devido às mazelas de nosso

padastro e as muitas necessidades existentes tornava o dia-a-dia meio doloroso.

— Gervásio, você está vendo aquele homem na esquina com uma pasta na mão olhando em todas as direções? Ele está procurando uma pensão. Corre lá, e traga-o", dizia nossa mãe.

— Não mãe, tenho vergonha. Ele não vai dar atenção", retrucava o Gervásio, meio desalentado.

— Agarra na perna dele. Olha, se você perder esse freguês você vai apanhar muito" — revidava ela.

Não havia jeito, era prudente obedecer. Outras vezes era ir vender cobre no mercado. Todo indeciso, acanhado, saía o Gervásio resmungando pelas ruas sob ameaças constantes de nossa mãe. Muitas vezes coube também ao Arcanjo a incumbência de ir até a estação ferroviária à busca de clientes. Éramos jovens e tudo isso nos envergonhava profundamente.

Outra ocasião foi uma tremenda insistência da nossa mãe para que um freguês, um conterrâneo que por lá (na dita pensão) estava de passagem, comprasse o quadro do "Céu e o Inferno" (aquele do caminho largo e outro estreito), que ao mesmo tempo intrigava e atormentava algumas mentes infantis. As insistências foram tamanhas que o freguês não teve escolha; para se ver livre, levou o quadro. E assim estava garantido o dinheiro para compra do arroz para o almoço. Outras vezes, tanto o Sabino quanto o Nilo eram obrigados a vender quilinhos de feijão na rua da lama. Sabem para que? Para que o nosso padastro pudesse satisfazer seus caprichos na rua, como por exemplo fazer a barba, coisa que

nós sempre fizemos em casa. O Araújo (nosso padastro) sonhava em ficar rico e por isso mesmo vivia comprando bilhetes da loteria federal. Foi embalado nesse sonho que um dia roubou o talão de cheques do Arcanjo (do extinto Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S.A.) e desandou a dar cheques sem fundos na praça. O Gerente, assustado, mandou chamar o correntista e pediu explicações. Após ouvir todo o seu relato o fez assinar uma carta endereçada ao Banco expondo o ocorrido. Quanto ao Araújo, se refugiou nas redondezas (mais precisamente em São Domingos), aguardando o resultado final da extração da loteria. Se o resultado fosse positivo, conforme acreditara, retornaria vitorioso. Caso contrário, de lá tomaria rumo ignorado. O desfecho desse episódio é que ele retornou de mãos vazias e o Arcanjo teve que saldar a dívida (ou parte dela), parte em dinheiro, parte em bens da pensão (camas etc.), dispondo inclusive de um relógio de pulso "Mondaine" que havia comprado e do qual se orgulhava em possuí-lo (**satisfazendo assim a sua vaidade juvenil**). A verdade é que na loteria ele nunca foi contemplado. Também se o fosse esbanjaria tudo e ficaria pobre outra vez.

Ele (o nosso padastro) era mesmo uma desmiolado. Certa vez apareceu em nossa mísera pensão um nosso tio, irmão de nossa mãe. Veio à cidade vender todo o café colhido em suas terras. Um hóspede da pensão (na hora do almoço) falou brincando para esse nosso parente para que deixasse todo o café que ele venderia. Depois, balbuciou a todos os presentes, em tom de

brincadeira: "Ai eu pego esse dinheiro e desapareço". Não é que o desvairado do nosso padastro tomou para si essa maldita idéia e a concretizou? Vendeu todo o produto, encheu o bolso e abandonou a família, inclusive seus próprios filhos, sem dar nenhuma satisfação. Não é que nossa mãe ficou desconsolada e foi buscar refúgio na Cartomante? Não era salutar que procurasse a delegacia de polícia (a fim de tentar resgatar em tempo o dinheiro roubado)? "Ele vai voltar"- profetizada a consultada. Adivinhação deveras verdadeira. De fato quando acabou o dinheiro ele retornou sorrateiramente: instalou-se numa pensão da rua Santa Maria e mandou-a chamar pedindo para voltar, deixando a conta para ela pagar (com dinheiro da pensão, é claro). Mas sabe para quem sobrou? Novamente para o coitado do Arcanjo que mediante pressão do nosso tio, vítima do roubo (se não recebesse o dinheiro correspondente denunciaria o fato à polícia), e desespero de nossa mãe (não queria vê-lo preso de forma alguma), não teve outra alternativa. Um acordo entre o Arcanjo e a vítima, para pagamento parcelado, em tantos anos, pôs fim ao impasse. Justo isso? Já não bastava a vida atribulada que nos arranjava e os encargos que passamos a ter de suprir com nossos ganhos também a seus cinco filhos e a ele próprio?

Arcanjo, Gervásio e Zenaide contribuíam com ganhos de seus empregos. Miseros salários. Tudo despejado dentro daquela pensão a mesma em que nosso padastro, ávido por dinheiro, vendera a

geladeira que garantia uma água gelada para os fregueses. A falta desse atrativo afugentou a clientela, provocando, conseqüentemente, queda na minguada receita.

Sentíamos que a viagem estava nos causando uma terrível fadiga. Afinal de contas era preciso que o trem retornasse sobre os trilhos. Pelo menos devíamos agir nesse sentido. Dessa forma, pôs-se o Arcanjo, que sempre cuidava das questões mais difíceis, a reestruturar a organização familiar. E dentro do seu traçado decidiu que todos os membros da 2ª família, incluindo nossa mãe, retornassem ao interior, voltando a ocupar a propriedade rural deixada por nosso pai, o que nos possibilitava devolver o imóvel alugado, onde funcionava a pensão. Lá poderiam cuidar da lavoura, criar animais (porcos e galinhas), etc. Os demais, pertencentes à 1ª família, exceto nossa mãe e o Sabino, que nessa época encontrava-se nos Maristas, alheio a tudo o que se passava, ficaríamos na cidade. Era prudente agir assim, pois nós que permanecemos na vida urbana estávamos empregados.

Nesse novo cenário a Zenaide ficou na casa de um pessoal na rua da lama. Ganhava menos de meio salário-mínimo e o pagamento pela sua estadia era completado pelo Arcanjo. Quanto ao Gervásio (**trabalhava na Casa do Anzol**), pediu reajuste que permitisse pagar mensalmente a pensão em que passou a ficar juntamente com o Arcanjo. Foi concedida a quantia justa da pensão. Era receber aqui e entregar ali. O Arcanjo trabalhava numa Distribuidora de Cerveja, depois numa Transportadora. Sentia-se no encargo de socorrer a Zenaide e o Gervásio em suas necessidades mais prementes.

Num final de ano, decidimos (**Gervásio e Zenaide**) passar o dia de Natal lá na roça, junto aos demais. Fizemos uma comunicação prévia e fomos informados de que na véspera o Araújo iria nos esperar lá no São Jorge do Tiradentes. E assim, animados, pois o trecho a percorrer, a pé, do ponto final do ônibus até a nossa propriedade era por demais longínquo, compramos alguns agrados e partimos eufóricos, na data marcada. Quando lá chegamos e saltamos do ônibus, por volta das 17:30 horas, qual foi nossa surpresa. Ninguém nos esperava. Tínhamos que optar entre dormir numa pensão ou então passar a caminhar rapidamente para aproveitar a claridade. Como um grupo de pessoas, que também viera no ônibus, pôs-se a caminhar pela estrada na qual deveríamos inicialmente percorrer, nos dispusemos a assumir a empreitada. Julgávamos que essas pessoas fariam pelo menos metade do trajeto que tínhamos pela frente. Apressamos os passos e os seguíamos atônitos. Pastarias, aclives e declives sem fim se formavam diante de nosso caminho. A cachorrada nesta ou naquela moradia à beira da estrada muito nos assustava. Mas contavam a nosso favor a claridade e a presença daquelas pessoas à nossa frente, embora não nos dessem nenhuma atenção. Ocorre que o grupo ia se dispersando à medida que surgia uma porteira, uma entrada de fazenda, e quando nos vimos estávamos inteiramente sós e barbaramente distantes da nossa propriedade. Pior que isso, a escuridão ia tomando conta daquela tarde que morria aos poucos, sob nossos olhos que rogavam complacência divina. O medo

apoderou-se de nós em escala vertiginosa. E agora, que deveríamos deixar a estrada e subir por um pasto íngreme para penetrarmos numa mata fechada? Não havia como retroceder. Não restava outra opção; já estávamos meio longe do povoado. A Zenaide sempre prestes a chorar, acabou, com sua atitude, dando impulso ao Gervásio que passou a se mostrar resoluto e assumir o comando daquela caminhada. Melhor se tivéssemos optado por adormecer no lugarejo onde o coletivo nos deixara. Mas, já era tarde demais! E prosseguíamos, dominados pelo medo que nos encorajava a cada instante. Já nos encontrávamos no meio da mata, caminhando velozmente por aquela trilha sem fim. As orações se misturavam à nossa conversa fatigada. Cada barulho que ouvíamos nos deixava em sobressaltos. Sobre a floresta a lua se mostrava imponente espalhando sobre a mesma fulgurantes raios de luz. Era a nossa companheira solidária. Quanto mais caminhávamos parecia que o chão espichava para que andássemos ainda mais. Finalmente estávamos prestes a sair daquele abrigo formado por frondosas árvores, pois avistamos bem ao longe uma casa. "Já dispúnhamos de companhia ao nosso redor" – pensávamos. Não, não era uma casa portuguesa, com certeza! Sua estética e o mato ao redor, revelava ser uma casa de colono batalhador. Embora a luz estivesse acesa, a luminosidade era claramente perceptível na escuridão da noite, o silêncio imperava. Ou estavam se refazendo do cansaço diurno ou atentos ao barulho que

fazíamos. Mais alguns passos e logo em seguida estávamos na estrada que agora sim nos levaria ao nosso destino. À medida que distanciamos da tal casa e nos pusemos novamente na escuridão o medo voltava a incrementar nossos passos, como que movidos por aquela coragem havida dentro da mata. Estávamos diante de uma longa subida e víamos lá na frente objetos reluzentes, como que a nos esperar. A Zenaide cada vez mais se mostrava angustiante e temerosa, quase chorando, não querendo prosseguir. Estávamos fortemente abraçados um ao outro seguindo na única direção a que estávamos destinados. Pudemos então decifrar, pouco a pouco, os enigmas: aqui um sapo gordão, ali uma coruja, pedras presas ao barranco, folhas das árvores recaídas. A lua derramava sobre eles sua luz nos transmitindo imagens horrendas. Daí o quadro assustador de que fomos vítimas. Quando estávamos no topo da serra avistamos a fazenda do tio Fiori, e aí foi alívio geral. Nossos passos ganhavam celeridade progressiva, tamanha era nossa alegria. Já nos encontrávamos descalços, sujos pelo barro, mas são e salvos, vitoriosos. Passamos em frente à Igreja e à casa de nosso tio e resolvemos não parar, pois estávamos por demais cansados. Finalmente, chegamos em casa surpreendendo a todos. Já passava das 20:30 hs. E olhem que naquela época não se falava em horário de verão!

No dia seguinte, em que desfrutamos de tímida e acanhada confraternização, tivemos alguns

constrangimentos. Queríamos que os pequenos aproveitassem tudo de bom que havíamos levado. Essas iguarias tiveram que ser preparadas para o almoço. O Araújo, como sempre o fez, chamava os estranhos, cujo passar pela nossa propriedade era anunciado pelo ranger da porteira, e os convidava a vir provar esses alimentos atípicos para o pessoal acostumado a uma vida simples do interior. Recriminávamos esse seu gesto, uma vez que a quantidade existente era escassa (**preocupados que estávamos com os pequenos, seus filhos, nossos irmãos**). Ao que ele retrucava: "menino come o que sobra". Não é de cortar o coração? Como pode existir no mundo gente que não cultiva um sentimento de amor aos próprios filhos? É uma insensatez inexplicável.

A situação estressante em que vivíamos na cidade fez com que as carências se tornassem bem visíveis. A absoluta falta de dinheiro, de perspectiva, o desconforto total que se apoderou de nós, culminava numa forte provação e humilhação. Não havia o Arcanjo errado em sua estratégia? Nunca chegamos a discutir o assunto. Chegou a ponto de o Arcanjo tomar um copo de pura cachaça no bar do Caliman. Que vexame! No quarto alugado, que mau cheiro provocado pelo vômito! Punha-se o Gervásio a limpá-lo, apressadamente, para que o outro companheiro, que também o habitava, não notasse o transtorno de gal gesto, assim que chegasse. Enquanto isso, nossa mãe nos enviava um caixote com sacos brancos acompanhado de uma carta na qual

solicitava alimentos, pois estavam passando fome na roça. Quando vinham à cidade resolver um assunto qualquer ficavam hospedados na pensão do Caliman deixando para trás a conta para nós pagarmos. Levávamos meses para saldar a dívida. Não nos foi permitido antes quando pequenos desfrutarmos da infância e agora, já na fase da adolescência, estávamos também impossibilitados de desfrutarmos da nossa juventude.

Certa vez, o Gervásio se dirigiu ao Arcanjo dizendo que precisava comprar um par de sapatos porque o que usava tinha o fundo forrado com papelão. Em tempos chuvosos se sentia como caminhar no barro, era horrível. A resposta foi taxativa: **"Toma vergonha, rapaz! Você já deve três meses de pensão e ainda quer comprar sapato? Vai pagar sua pensão! Daqui a pouco eles nem irão aceitá-lo lá!"** Um belo dia chega o Arcanjo com um par de sapatos usado, anunciando euforicamente: **"Gervásio, arrematei este sapato para você pela metade do preço. Tome-o"** Aquele sapato vermelho, envernizado, realmente bonito, era pequeno demais, apertadíssimo. Não havia muito que pensar. Era pegar ou largar. A razão falou mais alto.

Lastimável, porém, ocorreu com a Zenaide. Necessitava de um par de sapatos. Não tinha dinheiro. A mulher, dona da casa onde ficava, parecia acompanhar o seu ganho. Subia o salário, subia a pensão. Assim, não havia sobra. Foi incentivada a retirar do lixo um que lá se

encontrava. Assim o fez. E como não havia cardaços, improvisou-os com pedaços de barbante. Quando ia para o trabalho, seu itinerário a obrigava a passar em frente a uma sapataria, vizinha à loja em que trabalhava. Os rapazes se divertiam à custa dela: "**Olha gente como é o sapato dela**". Era um tiro mortal em sua alma. Sensação de impotência e humilhação escorriam-lhe pelo corpo. Como evitar esse mal assombroso a que estava submetida uma adolescente que ao invés de receber carinho, compreensão e ajuda de todo tipo, sofria tal agressão? Ela própria tratou de remediar a questão. Ao sair de casa tomava sentido oposto, caminhava em direção à Matriz, percorria grande trecho da Av. Getúlio Vargas até encontrar a rua que dava acesso à loja em que trabalhava, praticamente ao lado da dita sapataria. Tudo isso para fugir das gozações do pessoal da loja vizinha. Não é por demais humilhante? Como uma *criatura*, nessas circunstâncias, pode encarar o mundo de maneira otimista? Somava-se a isso as lembranças de que enfrentara um internato por conta de uma mãe que buscara tão prematuramente um segundo casamento e que agora tinha ao seu lado alguém que só destruiu o que seu pai deixara. Era época de desfrutar de uma mocidade dourada, pelo menos em parte, nos ideais traçados pelo pai visionário. Mas a realidade era cruel e vivíamos um quadro totalmente às avessas daquilo que nosso pai idealizara.

Oosso herói, amigo, mais do que irmão, era mesmo o Arcanjo. Deus estava presente acompanhando seus passos. O bom nível intelectual de que dispunha, o interesse árduo demonstrado pela vida profissional que abraçara, o grau de competência revelado em seu ofício, possibilitaram algumas melhoras imediatas em suas atividades, no tocante ao seu salário.

Alugou então uma minúscula casa (casa para anões, por assim dizer), cômodos pequeninos, teto baixo, situada em cima de uma pedra (pelo menos estava edificada sobre a rocha), aos fundos de um criadouro de porcos. Ali juntou os que estavam morando em pensão. Gozávamos agora de privacidade. Éramos, na verdade, incomodados pelo mau cheiro, pois grande parte dos resíduos orgânicos dos animais permanecia sobre a rocha e o forte sol que cobria a pedreira causava insustentável odor. As aranhas que saíam do fundo da casa também nos assustavam. Quanto à subida íngreme e desajeitada, para não dizer perigosa, era de menos. Já nos encontrávamos numa situação confortável, pois o dinheiro dos três, antes gastos na pensão, passou a ser revertido para os gastos da casa e estávamos livres de sofrer com as desigualdades dos que também freqüentavam a pensão. Foi possível até contratar uma empregada, a Laurides. Seria muito salutar a conservação desse imóvel e de sua vizinhança, como eram na época, uma espécie de patrimônio histórico, para que pudéssemos mostrar, em detalhes, aos nossos

filhos, toda a ambiência vivida, para que tivessem uma pequena amostra de como foi nossa adolescência e juventude, e tudo às custas dos nossos próprios esforços, dignando-nos a receber e acolher todos os demais membros da família a cada ano que se passava.

O Sabino ao sair dos Maristas passou também a habitar aquele casebre, não necessitando sair à rua em desespero à procura de um emprego. A cada ano um deixava a roça e vinha se juntar aos que permaneciam na cidade. Já se tratava dos irmãos do segundo casamento de nossa mãe. O nosso padastro se vangloriava disso sempre anunciando quem seria o próximo. Nós, em nosso íntimo, víamos naquele homem uma pessoa sem um pinga de sensatez. Achava natural transferir obrigações sem se preocupar em contribuir com as despesas de seus próprios filhos. Doloroso ainda era saber que tudo isso ocorria depois de ele (nosso padastro) acabar com tudo o que nossa mãe reservara para si na partilha dos bens e até lançar mão, quem sabe, do dinheiro do seguro pela morte de nosso pai e estar novamente usufruindo a propriedade pertencente aos órfãos. Um verdadeiro desastre na nossa vida cujo quadro tentávamos reverter a qualquer custo.

As finanças melhorando para o Arcanjo, em decorrência de sua ascensão profissional, melhoravam também as nossas condições de vida, tamanho era o seu espírito fraterno. Foi assim que mudamos para uma casa enorme. Ela pertencia a um comerciante de Itapina, onde o Arcanjo o

procurou e firmou com ele um contrato de aluguel. Durou pouco tempo a nossa permanência ali, pois o proprietário necessitou da casa para abrigar suas filhas que iriam estudar na cidade. Mas pelo menos nesse período, breve que foi, nos sentíamos importantes, como se viéssemos de situação resplandecente.

Enquanto isso a vida no campo continuava difícil. Também pudera! Com o incentivo do Governo Federal para erradicação do café, visualizamos um futuro menos promissor. O nosso padastro não podia ver dinheiro. E nem sabia administrá-lo. Revelara-se um gastão e esbanjador. Com o corte do café o que ocorreria? Nós que não víamos a cor do dinheiro a cada colheita, ficaríamos também sem o dinheiro a ser dado pelo Governo como indenização e sem novas colheitas. Dito e feito. Assim, todos retornaram para a cidade, inclusive ele, e todos passamos a habitar um imóvel bem mais simples, em Maria Ismênia, também alugado. Desta forma foi possível acolher a todos e dar estudos aos menores. Em termos de conforto as coisas haviam se deteriorado. A via de acesso era nada agradável. Para tomarmos um banho decente, era preciso primeiro subir até a caixa onde despejávamos uma lata d'água. Pequenininha que era, o banho tinha que ser super rápido. Caso contrário sairíamos ensaboados ou tínhamos que repetir a penitência.

Arcanjo já contava com seus 23 anos de idade, e agora com a maioridade civil em mãos, adquirida há dois anos, decidiu vender a propriedade. Comprou uma casa em Maria Ismênia, com amplo quintal, e com parte do dinheiro adquiriu uma área rural de quatro alqueires. Estávamos definitivamente instalados na cidade, com moradia própria, onde todos, inclusive o nosso padastro, teríamos que permanecer. Nessa casa de quatro cômodos apenas (dois quartos, uma sala e cozinha) iríamos morar por um bom tempo. Mas ficava difícil convivermos num clima harmonioso. Era pouco espaço para muita gente. Um time de futebol completo. E para supri-lo em todas as suas necessidades apenas nós (**filhos da 1ª família**) tínhamos a tarefa de contribuir com a despesa da casa, já que dispúnhamos de emprego. Foi nessa ocasião que o nosso padastro, incentivado por um de seus irmãos, voltou a trabalhar de dentista prático no interior do Estado. Aparecia de vez em quando, alguma das vezes procurando o Arcanjo para ser seu avalista. Algum tempo depois não nos deu mais notícias, abandonando completamente mulher e filhos, situação que perdura até os dias de hoje. Enquanto isso nossa mãe tinha um proceder incompatível com sua figura de mãe. Exemplo disso é que insistia loucamente para que a Zenaide deixasse seu emprego e a ajudasse nas tarefas de casa (**quer dizer, não estava preocupada nem interessada no futuro da menina, aquela mesma que esteve num internato longínquo**). Não fosse o apoio do Gervásio e do Arcanjo (**garante hoje a Zenaide**) teria cedido às pressões. Tampouco ela reconhecia os favores

que fazíamos em cuidar dos menores (do 2º. casamento), cujo pai desaparecera.

Mais adiante o Arcanjo já casado e morando em bairro distinto e com episódios desconcertantes ocorrendo em nossa família, vendeu a casa, deu início às atividades industriais de uma fabriqueta de roupas, passando os demais a habitarem a parte superior do prédio que construira, exceto o Gervásio que já se achava casado e residindo em outro bairro. As pendengas continuavam infernizando nossas vidas. O mau clima reinante estava longe de ter um desfecho satisfatório. As necessidades e os conflitos ganhavam nova dimensão à medida que a turma crescia. Faltava ordem e liderança por parte de quem devia de fato ocupar o comando. Continuava, pois, pesando sobre os ombros do Arcanjo, apesar de casado, o encargo de se preocupar com a vida de todos e sob todos os aspectos. Por exemplo, dispor do dinheiro, necessário à manutenção da casa, manter na escola os menores do segundo casamento de nossa mãe, traçar diretrizes para uma boa formação. Podemos assegurar, sem sombra de dúvida que fora o Arcanjo quem criou a 2ª. família.

O funcionamento da fábrica de roupas tem uma história meio conturbada. Ao mesmo tempo em que dava sinais de novos tempos era também um mar de conflitos. O Arcanjo tinha, por força de circunstâncias, deixado seu emprego de executivo, de forma que a presente atividade passou a ser encarada com absoluta prioridade, por ele

dirigida. Por outro lado, citado empreendimento tornou-se uma empresa familiar (*parte da irmandade participava da sociedade; outra nela trabalhava, sendo ou não sócio*). Forçosamente há que se admitir que ela tinha se tornado um cabide de emprego para a família. Neste sentido a intenção do então administrador era fazer com que o pessoal citado anteriormente, sem emprego, tivesse ali garantida a sua presença no mercado de trabalho. Observamos aqui a continuidade daquele esforço assumido por nosso irmão mais velho sempre preocupado em prover a todos o seu sustento. Paralelamente a isso desagradava ao seu gerenciador o tipo da natureza do serviço. Ao que parece, era algo que considerava enfadonho, cheio de inúmeros detalhes, sem dizer que a dedicação teria que ser por demais contínua e excessiva por parte de toda a sua família. E em se tratando de negócio em família havia também o favorecimento de alguns em detrimento de outros. Quer dizer, faltou profissionalismo. O Quadro ainda foi agravado por um certo roubo noturno de máquinas industriais caras, importadas, e à dura crise comercial que varria o setor de confecções. Resumo: julgada inviável a sua continuidade, houve paralisação das atividades e posteriormente sua extinção.

A locomotiva do tempo trouxe-nos até aqui. Poderíamos estender esta história indefinidamente, pois os seus efeitos, diretos e indiretos, perduram até os dias de hoje. Porém, toda história tem seu começo e terá que ter um fim. Com esse raciocínio julgamos ideal a considerarmos finalizada neste ponto, já que os acontecimentos principais foram devidamente relatados e cuja trajetória histórica se constituiu, como viram, numa verdadeira odisséia. Dela, estamos conscientes, nos tornamos partes essenciais. A protagonista está longe de merecer o nosso descaso e desatenção. Como viram não teve nenhum preparo nem apoio de quem estava próximo. Hoje ela mora sozinha, porém, desfruta de uma aposentadoria razoável, graças à esperteza do Sabino, e ao esforço conjunto de Sabino e Arcanjo. Quanto ao Arcanjo não há como não coroá-lo pelo brilhante papel desempenhado. Uma dívida de gratidão todos temos para com ele. E para que não paire nenhuma dúvida quanto à principal interpretação sobre o mais valioso valor questionado em tudo isso é bom que esclareçamos aos nobres leitores, que em nenhum momento priorizamos alcançar uma posição financeira sobrepujante, a exemplo de alguns conterrâneos, como uma bandeira que queríamos ou deveríamos conquistar a qualquer custo, como resultado de um bom direcionamento que nossa mãe, em sua viuvez, deveria observar; e sim, uma boa qualidade de vida que nos possibilitasse desfrutar de condições dignas a cada setênio da vida, para que pudéssemos

colher bons frutos para nossa formação, ao invés de traumas e de suas conseqüências maléficas. Nem todos os detalhes de nossa vida puderam ser relatados. Logo, os nobres leitores, abstenham-se de nos tecer críticas sem conhecimento pleno de todas as ocorrências havidas. A nossa insistência naquilo que nós mais desejávamos, encontra guarida no seguinte pensar: **a nossa passagem por esta vida terrena é única. Por que, então, não queremos de qualquer forma o desfrute de uma vida decente, enquadrada dentro dos parâmetros da normalidade, cuja vivência se tornasse, para todos, fonte de boas recordações, que nos permitisse encarar os desafios da vida de maneira sadia, sem sobressaltos, se havia condições favoráveis para isso?** Sabiamente, alguém tem afirmado, e merece o nosso louvor: **"Quando uma infância é rica em vários aspectos ela pode se expandir, transbordar no tempo e se expressar em cores, música e poesia, pela magia de um artista"**. De qualquer forma chegamos ao fim, trazendo à tona a verdade objetiva. Só nos restar agradecer aos nobres leitores a paciência de sua leitura e a Deus a graça de estarmos vivos e termos alcançados uma situação financeira satisfatória.

Fim

Homenagens Póstumas

Queremos neste espaço, saudoso pai, dirigir-lhe algumas palavras. Você partiu muito cedo deixando-nos estonteantes. Tivemos que conviver com alguém estranho que veio ocupar o seu lugar. E coube ao Arcanjo tomar a dianteira que nos possibilitou chegarmos ao ponto que hoje nos situamos.

Queríamos sim, desfrutar do seu convívio, a cada momento da vida. Por certo, cresceríamos mais confiantes em nós mesmos pelo simples fato de tê-lo ao nosso lado. Hoje, só nos resta o consolo de lembrarmos que você tem sido uma pessoa íntegra, dedicada à família e próspero nos seus negócios durante o pouco tempo em que passou por esta terra. Iremos um dia, pouco a pouco, nos juntarmos ao seu convívio novamente, mas enquanto isso não acontece vamos ao seu túmulo visitá-lo no dia de Finados. É nesse momento que o sentimos mais próximo de nós. Queira os Céus que no dia da nossa partida você esteja ao nosso lado dando-nos uma força para fazer a travessia dessa para a outra vida, tal qual uma freira o fez com você num quarto de hospital.

Deixamos aqui o nosso abraço na certeza de
que nossas preces o aproxime cada vez mais de
Deus e possa interceder por todos nós.

Seus filhos.

"...Queríamos tanto lhe falar, mas só palavras não
satisfazem os nossos desejos, queríamos mesmo era
vê-lo e abraçá-lo nos momentos cruciais de nossa
existência..."

"...como é grande a saudade que sentimos de você".